

TRABALHO E EDUCAÇÃO: conflituosos processos da vida social

Aline Tatiane Evangelista de Oliveira*

A obra de Maria Ciavatta, “**O Trabalho Docente e os Caminhos do Conhecimento: a Historicidade da Educação Profissional**”, publicada em 2015, pela Editora Lamparina, convida-nos a refletir sobre a tendência do trabalho docente bem como o trabalho de pesquisa, por meio de critérios mercantis, ou seja, a anulação do professor e do aluno, seus conhecimentos, sua autonomia, em função da lógica produtivista; conduzindo-nos a pensar sobre a relação entre o Trabalho e a Educação, sob a ótica de sua imersão nos conflituosos processos da vida social.

Como está definido no *Curriculum Lattes* de Ciavatta, M., autora da obra em questão, possui Licenciatura em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1967); em Letras Clássicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1960); Mestrado em Educação pela Fundação Getúlio Vargas - RJ (1978); e, Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1990). Realizou seu Pós-doutorado em Sociologia do Trabalho em El Colegio de México (1994-95), na Università degli Studi di Bologna, Itália (1995-96) e no Departamento de História de Universidade Federal Fluminense. É Professora Titular em Trabalho e Educação pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente, está associada ao Programa de Pós-graduação em Educação - Mestrado e Doutorado da Universidade Federal Fluminense e atuou como Professora visitante na Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2008 a 2013). Hoje, trabalha na área de pesquisa em Trabalho e Educação (Universidade Federal Fluminense) e atua como Coordenadora do Grupo THESE - Projetos Integrados de Pesquisa em Trabalho, História, Educação e Saúde (Universidade Federal Fluminense).

Ciavatta tem publicado artigos e livros, com ênfase em Epistemologia e Ciências Sociais Aplicadas à Educação, principalmente, no que se refere aos seguintes temas: História e Historiografia da Relação Trabalho e Educação; A Fotografia como Fonte de

*Doutoranda em Educação pela Universidade de Uberaba. Turma 2. Resenha. Disciplina: Epistemologia e Pesquisa em Educação.

Pesquisa; Estudos Comparados; Ensino Médio; Educação Profissional; Técnica e Tecnológica; e, Formação Integrada.

A partir da leitura do livro em referência, desde o seu início, percebe-se que a autora aponta para uma preocupação relacionada às reformas, especialmente, as que estão pautadas pela Educação Profissional. De acordo com a estudiosa, tais reformas têm ameaçado a estrutura da Educação Pública no país, tendo em vista que a finalidade precípua da Educação Profissional é formar mão de obra especializada para as grandes empresas. Considerando a Educação Profissional sob essa perspectiva, a sua utilidade no mundo contemporâneo tem sido inócua, pois não há tantas vagas de emprego disponíveis no mercado atualmente, dada a crise política e econômica que temos vivenciado. Dessa feita, não se pode dar a relevância que o governo deseja a esse tipo de Educação, já que ela não satisfaz quem a procura como uma alternativa ao Ensino Acadêmico.

A obra compõe-se de cinco capítulos, subdivididos em temas. Cada capítulo pode ser considerado um trabalho independente, pois apresenta introdução, desenvolvimento, conclusão e referências bibliográficas; o que nos leva a crer que, independentemente de sua estrutura, as reflexões sugeridas em cada capítulo se entrelaçam de tal maneira, que nos conduzem a formar uma unidade de pensamento, favorecendo a fácil leitura. Uma outra característica importante a ser destacada na obra em questão é sua linguagem clara e objetiva; apresentando, ao longo de todos os textos, explicações pertinentes sobre os conceitos que emergem do assunto em referência; sejam por notas de rodapé, inclusive com sugestões de outras obras que venham a complementar a discussão; sejam no próprio corpo do texto, trazendo citações diretas e indiretas de diferentes autores. A título de exemplo, verifica-se que a autora dialoga com Bourdieu e Wacquant, Marx, Kepler, Michel Lowy, Engels, Gramsci, Lukács, Mészáros, Chartier, Chizzotti, Durkheim, Frigotto, Hegel, Kosik, dentre vários outros estudiosos sobre o tema em foco.

Ainda, é fácil notar que Ciavatta (2015) utiliza o método materialista dialético-histórico como suporte no tocante às apresentações e discussões, à historicidade, às mediações, às contradições e à totalidade das interlocuções sobre as diferentes temáticas apresentadas.

Na divisão proposta, o primeiro capítulo, intitulado “O Trabalho Docente e a Pesquisa em Educação”, tem como objetivo refletir sobre questões sociais e

epistemológicas da pesquisa em Educação, especificamente a pesquisa em Educação Profissional, bem como as imposições atuais para o trabalho docente. Esse capítulo apresenta aspectos históricos da sociedade brasileira para que entendamos como viviam e vivem os professores, suas práticas pedagógicas e didáticas; perpassando desde o Brasil Colônia, de exploração portuguesa, da dependência estabelecida entre as classes, das desigualdades sociais; chegando aos anos 80-90, com o fim da ditadura militar. Torna-se evidente, pela leitura, a caracterização daquele momento como um período de “transformações”, focadas em privatizações, na centralização de recursos advindos do Estado, nas avaliações da produção do conhecimento e na perda da autonomia do professor. A partir dessa reflexão, é notório perceber que, apesar de apontar para as “transformações”, ditas “revolucionárias” para a Educação, esta continua a perpetuar “dogmas” já considerados ultrapassados para o mundo globalizado e virtual em que vivemos atualmente. A modalidade de Educação, utilizada dentro dos atuais espaços escolares, já não mais atende às expectativas do educando; causando-lhe uma sensação de desestímulo aos estudos; e, conseqüentemente, conduzindo-o ao fracasso escolar.

Ainda, nesse capítulo, a autora aponta para significativas reflexões sobre a formação de professores e de pesquisadores em Educação; apresentando o termo “pesquisa”, utilizado em sua forma corrente e em suas exigências teórico-metodológicas. Além disso, enfatiza a falta de apoio aos docentes para o desenvolvimento de pesquisas no campo educacional e as conseqüências pela falta delas. Pontua, também, que, dentre os vários empecilhos encontrados pelos professores e pesquisadores, destaca as próprias condições de trabalho docente, a saber: classes numerosas, o cumprimento de regras e normas burocráticas, salários defasados, alunos desmotivados, escolas mal equipadas; problemas que corroboram para que a Educação Brasileira seja considerada em decadência nos dias atuais. Essa discussão abriria um espaço gigantesco para outros debates, tendo em vista a prática docente, vivenciada pelos professores na atualidade. Mais uma vez, vale retomar o que fora dito anteriormente. Tanto o professor como o aluno têm sofrido as agruras desse modelo obsoleto de Educação bem como as condições que ambos enfrentam para conseguirem alcançar um patamar além daquele já estigmatizado.

Ciavatta (2015), nesse mesmo capítulo, reitera as discussões em tornadas principais concepções de mundo e de produção do conhecimento. A autora recupera duas dessas concepções, as quais considera as mais relevantes, as correntes teórico-

metodológicas nas ciências humanas e sociais, tais como: O Positivismo, de Auguste Comte; e, as contribuições de Émile Durkheim, seguidor de Comte.

Na visão de Ciavatta (2015), o primeiro defende a neutralidade, a negação do envolvimento do sujeito nas pesquisas, os resultados isentos de valores; e, o segundo encara os fatos sociais como coisas. Considera que a corrente Positivista em muito influenciou as ciências sociais; e, no Brasil, especificamente, teve influência, também, na formação de professores nos mais diferentes cursos. A outra corrente teórico-metodológica apresentada é o Materialismo Histórico, descrito por Marx, opositor ao Positivismo de Comte. Para a autora, Marx afirma que a produção humana (a cultura, a ciência, o conhecimento, a educação) em sociedade é contextualizada historicamente. Tal pensamento marxista iluminou a compreensão do mundo e a origem de conflitos durante vários períodos da História Moderna.

Percebe-se, a partir dessa perspectiva, que o resgate às correntes teórico-metodológicas possa ser fundamental para a compreensão posterior da pesquisa em Educação Brasil, pois segundo a autora, os primeiros Cursos de Pós-graduação no país, nos anos 70, foram de Física e Química; os quais se fundamentaram em bases positivistas, com predominância em análises estatísticas e em ciências experimentais; tratando-as como fatos isolados do contexto histórico; embora, apenas ao final dos anos 80, época do declínio da ditadura militar, iniciaram-se as críticas a esse modelo.

Ao término do capítulo, Ciavatta (2015) questiona a importância da pesquisa em Educação e em Educação Profissional, por considerar as relações sociais subjacentes, ou seja, o espaço-tempo em que são desenvolvidas. Destaca, ainda, que, apesar de muitas críticas oriundas dos idealistas positivistas, a ideologia do pesquisador caminha lado a lado da ciência. Nesse sentido, Brandão (2010, p. 850) afirma que “no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, as fronteiras entre esses dois planos são tênues e frequentemente problematizadas”. Dessa feita, ao tratar o trabalho como fonte de pesquisa, a autora vai ao encontro de estudos marxistas que consideram a concepção histórica como produção social da existência, como também a relação entre trabalho e educação; o qual se trata do campo em que se situa a Educação Profissional, desenvolvendo-se nas múltiplas relações do mundo do trabalho e da escola.

Ciavatta (2015), com muita propriedade, busca em outros pesquisadores, análises mais eficientes quanto ao caminho a perpassar para a realização de um trabalho de pesquisa. Embora a metodologia utilizada possa vir a ser de uma abordagem Getec, v.6, n.14, p.74-86/2017

materialista ou positivista, a pesquisa deve estar fundamentada dentro dos parâmetros das Ciências Sociais e Humanas.

O segundo capítulo, intitulado “A Historicidade da Pesquisa em Educação Profissional: Questões Teórico-metodológicas”, propõe delinear algumas questões teórico-metodológicas fundamentais para a historicidade da pesquisa sobre a Educação Profissional no Brasil. Inicia-se, apresentando uma aproximação entre os conceitos de História, compreendendo-a sob dois ângulos principais: o primeiro, trata-se da questão de espaço-tempo, em que os fenômenos ganham forma e materialidade; e, o segundo consiste na própria compreensão do seja História. É possível entender que a primeira questão apresentada não está relacionada a datas, pois estas não dão a dimensão de espaço-tempo social dos fenômenos; talvez, seja compreensível perceber como se tais fenômenos estivessem fragmentados; o que nos leva a pensar sobre a teoria positivista defendida por Comte. A autora, nesse capítulo, aponta para a historicidade da Educação Profissional em uma concepção dialética; tratando os fenômenos sociais da vida humana em sua temporalidade complexa. Por outro lado, a outra questão apontada é que a História consiste na produção social da existência a partir de uma análise do passado, presente e futuro a fim de melhor compreender todos os fenômenos concernentes à vida humana.

Ao longo do capítulo, Ciavatta (2015), ainda, propõe uma discussão sobre o Trabalho e a Educação sob a ótica da sua historicidade. Defende que a relação entre Trabalho e Educação pode ser considerada a partir das condições de vida, de trabalho e de educação da vida em sociedade. Destaca, também, que a sociedade brasileira tem sido marcada pelas desigualdades de toda ordem; especialmente, pelo discurso do lema “Educação para todos”. Entretanto, na realidade, o Brasil tem vivenciado uma Educação em ruínas; ou seja, uma Educação em sua total precariedade. Argumenta que a Educação Profissional é tida como uma “preparação” de mão de obra para o mercado de trabalho; e, como, atualmente, o mercado de trabalho está em decadência pelo declínio da Economia do país, a Educação Profissional, também, tem sido vista como uma falácia. Aqui, vale ressaltar a tão propagada “Reforma do Ensino Médio”, a qual se encontra em todas as propagandas midiáticas. O que se percebe é que ela privilegia a Educação Profissional, reduzindo a segundo plano os conteúdos, o conhecimento e os saberes acumulados durante toda a vida do estudante.

É perceptível que toda essa abordagem de “Reformas” apresenta, inequivocamente, um caráter político; e, não se caracteriza, propriamente, por seu caráter educativo. Tal abordagem nos leva a pensar que, o que se deseja é conduzir o aluno, o futuro trabalhador, a aceitar as ditas “reformas” como sendo necessárias, e, até mesmo, imprescindíveis para a manutenção do sistema. Daí, vale um questionamento: essas “Reformas” não estariam sendo propostas para que a Educação Brasileira não continuasse a atender aos reclamos da “globalização”? Ou, com tais “Reformas”, teríamos a possibilidade de pensar uma Educação Brasileira mais voltada à construção de uma aprendizagem mais eficiente e eficaz, dentro de um parâmetro mais interativo e colaborador? Essa discussão emerge, ainda, da “Reforma Trabalhista”, em debate no Congresso Nacional, em que aponta para possíveis terceirizações e trabalho autônomo; o que, como está apresentada, poderia afetar diretamente a vida de trabalhadores; conduzindo-os, conseqüentemente, a uma exploração sem medida e reduzindo os direitos já por eles adquiridos ao longo do tempo. Nota-se que tal procedimento poderia dar mais força ao sistema capitalista atual, cuja relação de trabalho consiste em apenas visualizar a produção e o lucro de grandes empresas; deixando os trabalhadores reféns das imposições e da dependência econômica e cultural de organismos internacionais.

Continuando nesse segundo capítulo, a autora traz para a análise os “Fundamentos da Pesquisa Histórica: Categorias e Conceitos”. Primeiramente, esclarece o que são as categorias da ciência e as suas classificações. Para ela, as categorias da ciência consistem em analisar determinadas características específicas de certo objeto de estudo; características estas muito presentes nas Ciências Naturais, por exemplo, na Zoologia, na Botânica, etc. Já nas Ciências Sociais, tais categorias não são predominantes, pois, por estarem fragmentadas, estão mais associadas à Teoria Positivista de Comte. De acordo com Ciavatta, para uma categoria se tornar um conceito é necessário alcançar maior poder explicativo; evidenciá-la por meio de seus fundamentos e da pesquisa científica.

Ao voltar à pesquisa histórica em Educação como também em Trabalho e Educação, a autora traz à tona as concepções de Marx e Hegel sobre alguns conceitos que ela considera primordiais para se chegar à historicidade dos fenômenos. Vale esclarecer que a base para a compreensão da teoria de Marx consiste na Dialética (movimento entre o ideal e o real); na Totalidade (trata os fenômenos não isolados e sim relacionados a outros); na Mediação (as relações vistas na sua particularidade histórica);

na Contradição (conflito histórico entre as forças produtivas e as relações de produção); Ideologia (as ideias, as representações, as normas, as leis, os valores e as ações que constituem o universo dos fenômenos); e, o Espaço-tempo (a existência do objeto de estudo em um espaço determinado cuja delimitação é histórica e transforma-se ao longo do tempo). Associando-se a Educação e o Trabalho, temas discutidos na obra em questão, é possível perceber que, de acordo com a teoria marxista, a atual relação entre trabalho e educação perpassa pelo entendimento da historicidade dos fenômenos sociais bem como nas forças produtivas, nas ideias e nas ações espaciais e temporais, dentro do universo da representação fenomenológica de mundo.

Para finalizar o segundo capítulo, a autora apresenta os “Procedimentos Teórico-metodológicos” de interesse para a pesquisa em Educação. Apresenta alguns pressupostos da pesquisa historiográfica, ou seja, a Contextualização (situar o evento à sua época); a Historicização (captar as transformações no tempo); a Comparação (estabelecer o confronto entre os acontecimentos); a Conceituação (captar a realidade por meio de conceitos); as Fontes de Pesquisa (memória humana materializada em palavras). Quanto à Técnica de Pesquisa nas Ciências Sociais, Ciavatta (2015) chama a atenção para a Pesquisa Qualitativa, ou seja, o conjunto de análises, permeado por subjetividades; e, a Etnografia, compreendida como técnicas usadas para a coleta de dados empíricos, obtidos pela observação e pela interação.

Ciavatta (2015) apresenta os três últimos capítulos, apontando estratégias de pesquisa para a produção do conhecimento bem como para a atividade docente. Dentre as estratégias apontadas estão a interdisciplinaridade, o uso da fotografia na pesquisa social e os estudos comparados. No sentido de um melhor entendimento sobre tais estratégias, far-se-á uma breve explanação sobre cada uma delas.

O terceiro capítulo da obra em questão, intitulado “A Interdisciplinaridade e a Formação Integrada: Exercício Teórico ou Realidade Possível?”, a autora destaca a interdisciplinaridade não como a justaposição de várias disciplinas que se somam, que se agregam, nem como método de investigação e técnica didática ou ideias tão defendidas nos diferentes níveis e contextos escolares. Todavia, ressalta a interdisciplinaridade como uma “necessidade e problema”; ou seja, para ela, é preciso adentrar na materialidade histórica em que as relações são construídas, na totalidade social que as constitui, compreender os diferentes aspectos articulados como produção social em um tempo e em um espaço determinados; evidenciando os aspectos da vida

social e política inerentes aos processos educativos. A interdisciplinaridade consiste, segundo ela, em um problema, porque os fenômenos sociais são complexos; possuindo características implícitas que necessitam ser decifradas. Afirma, ainda, que se trata de uma necessidade inerente aos fenômenos sociais, à sua compreensão em profundidade para a produção do conhecimento.

Entende-se, a partir dos pressupostos apresentados por Ciavatta (2015), que a interdisciplinaridade não é e não pretende ser apenas uma justaposição de ideias ou um amontoado de conteúdo, sem nexos ou sem lógica. Para ela, interdisciplinaridade remete a uma construção de conhecimento, a um entrelaçamento de saberes dentro de uma realidade social; compreendendo os vários aspectos da produção social; e, principalmente, articulando-os a um espaço e a um tempo definidos pelos fenômenos sociais.

E, no decorrer do capítulo, a autora, ainda, reporta sobre “A Interdisciplinaridade e a Ontologia do Ser Social”, por considerar o homem, existente e partícipe de uma sociedade, na qual produz bens materiais, ideias, representações, cultura e conhecimento; o que ela denomina “produção social da existência”. Isso significa afirmar que, para ela, o ser humano decorre de sua participação no meio social assim como o que desenvolve e produz, dentro de uma vida em sociedade. O homem não se caracteriza somente pelos meios de produção; mas, muito mais do que isso. Ele é o protagonista da ação social como também trabalha para a incorporação do conhecimento e da cultura. E, para complementar, a autora reafirma que a interdisciplinaridade incide em um trabalho contínuo e permanente; exercendo um papel preponderante, tanto quanto ao trabalho manual quanto ao intelectual na sociedade em que está inserido.

Finalizando o capítulo em referência, a autora salienta que a “Interdisciplinaridade e a Formação Integrada” são conceitos que se diferem. Segundo ela, a formação integrada remete à aproximação das partes, dos campos do saber, das formas de conhecimento, das classes sociais, à superação da fragmentação dos conhecimentos; ou seja, a interdisciplinaridade é uma condição favorável mas não o suficiente para que ocorra a formação integrada. Outro aspecto relevante que Ciavatta (2015) destaca nessa obra é que, para que a interdisciplinaridade possa contribuir com a educação integrada são necessários recursos, tempo de dedicação dos professores, materiais adequados, políticas públicas que deem subsídios ao professorado; ou seja,

que o Estado provenha investimentos na formação e no cotidiano do professor. Outro ponto que merece destaque é que a integração entre o Ensino Médio e a Educação Profissional só irá contribuir para a formação discente quando existir uma relação direta e inseparável entre a Formação Geral e a Educação Profissional, em todos os campos e níveis de ensino. O que seria entender que a preparação para o trabalho está intimamente relacionada ao desenvolvimento intelectual, de modo a formar trabalhadores capazes de atuar como dirigentes; e, sobretudo, como cidadãos.

O quarto capítulo, intitulado “O Uso da Fotografia na Pesquisa Social e a Educação”, apresenta a fotografia como fonte primária de informações para a produção historiográfica em Educação. A autora inicia o referido capítulo, partindo de uma reflexão sobre a História, a História da Educação e suas condições de historicidade. Ela aponta os fundamentos que subsidiam a utilização da fotografia como fonte primária para a pesquisa social.

Ao fazer essa reflexão sobre a História, permanece a afirmativa de que ela não deve ser apenas uma narração de fatos; e, sim ser suficientemente capaz de reconstituir uma determinada realidade nainterpretação de fatos históricos. Tal afirmação se dá em virtude das múltiplas relações que se desenvolvem na sociedade e na escola; tendo em vista a compreender a História como processo; como produção social da existência humana. Enfatiza, ainda, que há de se destacar as questões políticas e a História como métodos; e, essencialmente, a sua representação como método de pesquisa.

Na utilização da História como método de pesquisa, Ciavatta (2015) considera a importância da historiografia da Educação como objeto de pesquisa; e, salienta que, nas últimas décadas, o número de trabalhos sobre tal temática tenha aumentado significativamente, apesar de os recursos para tanto tenham sofrido uma diminuição. Reitera que a quantidade de estudos nessa área ainda é insuficiente pelo fato de a pesquisa histórica ter sofrido algumas intempéries, a saber: o tempo para o desenvolvimento da pesquisa; a diminuição de recursos e a própria formação pedagógica para a realização da pesquisa documental. Outro ponto que a autora destaca é a fragmentação da realidade apresentada por muitos historiadores. Estes demonstram a realidade como sendo apenas um discurso dos acontecimentos; o que, a partir dessa premissa, poder-se-ia entender a fotografia, utilizada para a pesquisa documental, como um recurso ou uma característica de aproximação ao Positivismo.

Ao apontar a fotografia como fonte de pesquisa, Ciavatta (2015) destaca o atual uso de imagens em diferentes meios de comunicação e como a sua socialização está presente na vida cotidiana do homem. Argumenta que a fotografia traz informações extremamente importantes para a compreensão de uma realidade social; já que carrega, em si mesma, um potencial de conhecimento, de informações e de alienação. Verifica-se que, no campo da pesquisa, a fotografia propicia uma pluralidade de enfoques; considerando-se que ela é, eminentemente, a representação visual de algo real ou imaginário. E, assim sendo, a fotografia poderá servir como fonte de pesquisa; fornecendo subsídios para que o pesquisador se debruce sobre os acontecimentos nela visualizados; propiciando-lhe a elaboração de suas próprias conclusões. Como se sabe, o conhecimento não se esgota na aparência imediata da imagem; esta imagem poderá facilitar a compreensão da realidade apresentada; sendo necessária a interpretação da realidade visualizada, sob o olhar do pesquisador. Assim sendo, é notório que o pesquisador terá, a partir de sua leitura da imagem retratada, seja a visão parcial de uma totalidade social; ou seja, a representação interpretada da imagem, captada de seu olhar, de sua perspectiva visual. Ainda, segundo a autora, o pesquisador, ao utilizar imagens de uma época, aliada a entrevistas, e, apresentando componentes de uma imagem, poderá buscar relações entre as imagens e as narrativas recolhidas das entrevistas. Na busca por essa associação entre a fotografia e as narrativas dos entrevistados, o pesquisador, em seus estudos, poderia utilizar-se da imagem como uma forma de linguagem; um recurso dialógico propício à compreensão dos múltiplos aspectos históricos, os quais decorreram no passado. Por essa via de pesquisa, quiçá a materialidade do objeto a ser pesquisado se tornaria mais palpável, mais próximo ao pesquisador; o que poderia tornar o acesso ao material menos árduo.

Dando continuidade à reflexão sobre a temática abordada no referido capítulo, a autora apresenta vários exemplos da utilização de imagens como fonte de informações para a pesquisa. Salienta a sua importância na publicidade, com os seus efeitos e montagens; instigando o leitor/consumidor a interdialogar com o texto. Argumenta que, como a publicidade possui um forte significado simbólico, o leitor/consumidor, de modo subliminar, irá assimilando o texto/imagem como uma estrutura narrativa conexa e lógica; propiciando-lhe a leitura compreensível da realidade sugerida.

Ao abordar a fotografia como fonte para a reconstrução da História, Ciavatta (2015) enfatiza que a importância de se trabalhar com diferentes exemplares para a

compreensão da realidade poderá ser bastante produtivo, pois a fotografia dispõe diferentes focos, de variados ângulos; gerando a possibilidade de reconstrução de uma narrativa que se produz em determinado tempo. Segundo ela, o estudo das imagens impõe o estudo da sua historicidade. Para exemplificar as suas afirmações, ela apresenta quatro fotografias sobre as três primeiras décadas do século XX (1900-1930), com o objetivo de analisá-las para uma melhor compreensão de alguns fatos da época em questão.

Uma das imagens retrata uma fábrica, em que estão presentes os funcionários. Homens, mulheres e criança, o que, pela composição dos sujeitos na referida fotografia, coloca em destaque a forma de ocupar os espaços, o ambiente singelo, o vestuário sombrio; todos os detalhes os quais nos levam a inferir uma classe subalterna, de explorados pelos donos das fábricas, em um momento de grande crescimento do capitalismo no país. Na verdade, há de se perguntar: o que mudou na relação de trabalho entre empregadores e empregados? As transformações às quais a sociedade contemporânea tem vivenciado têm colaborado para que essa relação tenha sido aprimorada e para que os trabalhadores sejam valorizados, essencialmente, como seres humanos e cidadãos? Dada à complexidade das respostas a esses questionamentos, caberia, entre outros artifícios, inúmeros estudos e pesquisas diversas sobre esse campo de fértil reflexão.

O quinto e último capítulo da obra em análise, intitulado “Estudos Comparados em Educação: Sua Epistemologia e Sua Historicidade” tem como objetivo contribuir para a reflexão e a prática dos estudos comparados nas Ciências Sociais. A autora ressalta os estudos comparados como um campo estruturado de pesquisa bem como suas várias vertentes de análise. Destaca as diferenças e as semelhanças nas relações entre os objetos de pesquisa; abordando a sua rejeição atoda e qualquer ideia da pesquisa como verdade absoluta. Ela rejeita tal premissa por compreender que tudo é uma questão de opinião e de ideologia; tudo é mutável e deslizante; que a verdade absoluta não existe, já que se pode considerar os vários posicionamentos; as várias hipóteses; as várias teorias. Acredita-se que todos esses aspectos, juntos, corroboram para o sucesso da pesquisa científica ou social.

O método científico da Educação Comparada é apresentado por Ciavatta (2015), no qual ela busca em diversos autores e suas diferentes concepções. Em Educação,

especificamente, segundo a autora, dar-se-á por meio de quatro fases: a descrição, a interpretação, a justaposição e a comparação.

O método comparativo nas Ciências Naturais é apresentado, seguindo as fases: identificação do problema, formulação de hipóteses, coleta, tratamento e análise dos dados, verificação da hipótese e generalização. É importante enfatizar que Ciavatta (2015) aponta os diversos caminhos que podem ser percorridos para a produção do conhecimento; ou seja, desde os métodos quantitativos aos qualitativos. No entanto, em se tratando da Educação, ela sugere que o procedimento mais adequado e pertinente é a Educação Comparada; realizada com maior rigor teórico e conceitual. Reitera que tenham as condições econômicas, sociais e políticas suficientes, pois estas são consideradas ações balizadoras do cotidiano das pessoas e devem constar dos critérios teórico-práticos quanto à produção do conhecimento. Vale dizer que a efetividade da pesquisa se dará à proporção da seriedade e da responsabilidade a ela atribuída bem como às condições propícias para o seu desenvolvimento. Não se pode pensar em produção de conhecimento sem que haja um atrelamento entre tais condições; pois, sem elas, a produção ou a construção do conhecimento, já desde o seu início, estará fadada ao fracasso.

Em relação à História, os Estudos Comparativos possibilitam a busca por novas questões que permitam construir novas histórias; novas narrativas; abrindo-se à pesquisa sobre a diversidade de situações e de contextos. Como qualquer outro método, os Estudos Comparativos enfrentam suas críticas; o que, nesse caso, segundo a autora, a crítica estaria pautada no universalismo, no etnocentrismo do método, na utilização de variáveis e na causalidade; fatos estes amplamente destacados na parte final do capítulo denominado “Estudos Comparados em Educação na América Latina – Uma Tomada de Posição”. Ciavatta (2015) inicia o capítulo, elaborando uma crítica sobre os estudos comparados, feitos exclusivamente em cima de dados numéricos; de forma descontextualizada; e, principalmente, sofrendo grande influência do Positivismo e de sua neutralidade. A crítica pontuada pela autora da obra consiste em analisar e verificar se a utilização de apenas um método, os Estudos Comparativos, seriam suficientes para validar o caráter rigoroso em se tratando de uma pesquisa social. Considerando que o foco central da discussão em pauta seja Educação e Trabalho, haveria de se pensar que métodos e estratégias mais eficientes poderiam ser utilizadas a fim de se alcançarem os objetivos almejados.

Para finalizar, Ciavatta (2015) afirmar que os Estudos Comparados sejam uma ferramenta facilitadora para se conhecer a Educação e sua história em alguns países. Defende que, para a sua realização, é fundamental compreender seu contexto social e político; buscando o método materialista dialético-histórico para que se atinjam os resultados desejados. Argumenta, ainda, que a busca em compreender a relação que se estabelece entre o Estudo e o Trabalho em dois países, Cuba e Brasil, seria por demais pertinente; dadas às divergentes abordagens de cada um. Infere-se, por fim, que Cuba, diferentemente do Brasil, tem tentado eliminar da Educação todo o caráter mercantil, “bancário”, a que Freire (2011) se refere em uma de suas obras.

A obra **“O Trabalho Docente e os Caminhos do Conhecimento: A Historicidade da Educação Profissional”** pode ser considerada uma leitura obrigatória não somente para docentes da Educação Profissional, mas também para professores e estudantes de Pós-graduação; ou, até mesmo para aqueles que se debruçam em estudos sobre a Educação, seus sistemas e processos. A obra em referência aborda um conjunto de conceitos e métodos que muito poderão contribuir para as futuras discussões no campo da pesquisa, na área das Ciências Humanas e Sociais. Ademais, trata-se de um tema bastante representativo e atual, dada não só a sua relevância, como também, pelo tipo de Educação vivenciada por nós, brasileiros. A sua validade consiste, ainda, em uma leitura dialogada, fazendo uma interface com outros estudiosos do mesmo assunto, como uma forma de aperfeiçoamento ou capacitação de profissionais na área educacional no sentido de se propor diversos debates em torno de uma temática tão crucial; buscando, sobretudo, uma possibilidade de proporcionar aos nossos educandos uma Educação mais humanizadora e mais cidadã.

Referências

Clavatta, M. **O trabalho docente e os caminhos do conhecimento: a historicidade da Educação Profissional**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

Freire, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

Zaia Brandão. Indagação e convicção: fronteiras entre a ciência e a ideologia. **Cadernos de Pesquisa**. V.40, n.141, p.849-856, set./dez.2010.

